

OBRAS PUBLICADAS PELO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

- Juscelino Kubitschek de Oliveira, Discursos — 1956, Rio de Janeiro, 1958, 425 p.
Juscelino Kubitschek de Oliveira, Discursos — 1957, Rio de Janeiro, 1958, 303 p.
Juscelino Kubitschek de Oliveira, Discursos — 1958, Rio de Janeiro, 1959, 532 p.
Imigração sem Preconceitos, Rio de Janeiro, 1958, 27 p.
Programa de Metas, Rio de Janeiro, 1958, 96 p.
Campina Grande — Missão Cumprida, Rio de Janeiro, 1958, 51 p.
Brasília e a Opinião Mundial — I —, Rio de Janeiro, 1958, 63 p.
Operação Pan-Americana — I —, Rio de Janeiro, 1958, 79 p.
Operação Pan-Americana — II —, Rio de Janeiro, 1958, 110 p.
Operação Pan-Americana — III —, Rio de Janeiro, 1958, 110 p.
Operação Pan-Americana — IV —, Rio de Janeiro, 1959, 153 p.
Operación Panamericana — I —, Rio de Janeiro, 1958, 79 p.
Operación Panamericana — II —, Rio de Janeiro, 1958, 108 p.
Operación Panamericana — III —, Rio de Janeiro, 1958, 110 p.
Brasil-Itália — Visita do Presidente Gronchi — Rio de Janeiro, 1958, 179 p.
Meta 27 — Indústria Automobilística — Rio de Janeiro, 1958, 89 p.

BRASIL - ARGENTINA

Documentário da visita ao Brasil do
Senhor Arturo Frondizi, Presidente
Eleito da República Argentina
(8-10 de abril de 1958).

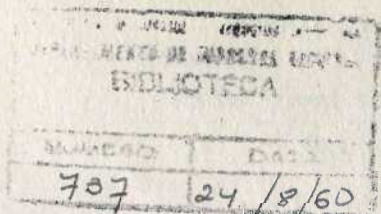
RIO DE JANEIRO
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

1959

307.20.81
D. 11 V
et d

Este volume é um documentário da visita que o Senhor Arturo Frondizi, Presidente da República Argentina, realizou ao Brasil entre 8 e 10 de abril de 1958.

*Nêle se contêm os discursos de saudação ao Presidente Arturo Frondizi e seus **agradecimentos**, em numerosas **cerimônias** celebradas no Rio de Janeiro em sua honra.*



SUMÁRIO

I — Ao transpor a fronteira do Brasil	
1. Mensagem do Presidente Arturo Frondizi	9
2. Mensagem do Presidente Juscelino Kubitschek ..	9
II — Almoço no Palácio Itamaraty	
1. Discurso do Presidente Juscelino Kubitschek ...	11
2. Agradecimento do Presidente Arturo Frondizi .	17
III — Visita ao Supremo Tribunal Federal	
1. Discurso do Ministro Orosimbo Nonato.	29
2. Agradecimento do Presidente Arturo Frondizi ..	35
IV — Visita ao Senado Federal	
1. Discurso do Sr. João Goulart.	37
2. Saudação do Senador Gilberto Marinhe.	38
3. Agradecimento do Presidente Arturo Frondizi ..	41
V — Visita à Câmara dos Deputados	
1. Discurso do Sr. Ranieri Mazzilli.	45
2. Agradecimento do Presidente Arturo Frondizi .	51
VI — Na Universidade do Brasil.	55
VII — Ao deixar a terra brasileira.	59

I — AO TRANSPOR A FRONTEIRA DO BRASIL

EM 8 DE ABRIL DE 1958

1. MENSAGEM DO PRESIDENTE ARTURO FRONDIZI

Ao transpor a fronteira do Brasil, o Presidente Arturo Frondizi enviou ao Presidente Juscelino Kubitschek o seguinte radiograma:

"Ao chegar ao vosso grande país, envio, por vosso intermédio, um fraternal abraço ao ilustre povo irmão do Brasil.

ARTURO FRONDIZI.

2. MENSAGEM DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK

Em resposta, o Presidente Juscelino Kubitschek enviou ao Presidente Arturo Frondizi a seguinte mensagem:

"Agradeço a fraternal saudação do eminente. Presidente da grande Nação argentina, aguardando o prazer de abraçá-lo em nome do povo brasileiro. Cordialmente.

JUSCELINO KUBITSCHEK. "

II — ALMOÇO NO PALÁCIO ITAMARATY

EM 9 DE ABRIL DE 1958

1. DISCURSO DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK

Senhor Presidente eleito da República Argentina:

É com um sentimento fraterno que recebo e saúdo Vossa Excelência neste momento. E ao dizer isto, não estou recorrendo a uma expressão protocolar, não me estou valendo de um recurso oratório. É, na verdade, com um sentimento fraterno que, em nome do povo brasileiro, me dirijo ao representante do povo argentino, escolhido, reconhecido e proclamado Presidente da República, num pleito livre, e faço-o, não só para dar-lhe os agradecimentos pela honrosa visita, como para dizer-lhe o que considero deva ser dito, com toda a sinceridade, nesta hora de encontro, que é também de efusão e de justificado júbilo.

Em primeiro lugar, Senhor Presidente Arturo Frondizi, quero significar a Vossa Excelência que as relações dos nossos países nunca foram tão merecedoras do qualificativo de fraternas a que acabo de aludir.

À nossa fraternidade geográfica, que a vizinhança explica e que tantas afinidades naturais tornam evidente, acrescenta-se algo que, ousar dizer, Senhor Presidente, é um sentimento novo, que anuncia uma hora inaugural no convívio dos dois povos, um sentimento mais vivo, um desejo de compreensão mais profundo, que torna extremamente tocante o momento em que

vivemos. Sem dúvida, salvo ligeiras brumas oriundas de uns poucos equívocos, que a clarividência, a energia, a prudência de homens de Estado argentinos e brasileiros não tiveram dificuldades em logo desfazer no passado, sempre foram boas e respeitadas as ligações entre as nossas pátrias. Mas hoje, precisamente neste instante em que lhe dirijo, Senhor Presidente Frondizi, esta saudação, há de fato entre o seu e o meu país um elo a mais, um entendimento mais profundo, um fervor bem maior do que houve em qualquer outro tempo. Exprimo com a dificuldade compreensível, tratando-se de um discurso oficial, o que não me é possível porém calar nesta hora: a verdade, Senhor Presidente Frondizi, é que a Argentina e o Brasil, uma em face do outro, não se sentem mais os mesmos. Nasceu neste momento de nossa existência um desejo mais profundo, uma aspiração mais generosa ainda do que a antiga, que presidiu às nossas boas e tradicionais relações. Somos como dois irmãos que se reconhecem melhor, que se sentem mais solidários depois que amadureceram, que conheceram perigos, que tiveram de passar por sofrimentos que mais humanizam e elevam os povos do que todas as prosperidades fáceis. Não somos mais simples países jovens, que disputam alegremente o privilégio da vida fácil e da fácil prosperidade. A Argentina e o Brasil conheceram horas difíceis e conhecem ainda; tiveram que lutar pela sua sobrevivência e combater a favor da democracia, ameaçada até mesmo pelas forças ainda obscuras da própria democracia; foram obrigados a reconhecer, com humildade, as suas limitações; perderam, o que é um sinal de cultura, — a confiança excessiva na sua própria intangibilidade e, hoje, apresentam-se revigorados e renovados, mas bem mais conscientes, animados por uma esperança capaz de enfrentar as muitas razões de temer e descrever, que a atual conjuntura oferece.

Hoje, sabemos que também nós somos mortais, que estamos sujeitos às mesmas contingências, às mesmas crises de crescimento e outras, de consequências extremamente perigosas, que vitimaram não só muitos países no passado, mas muitas civilizações, como alertava Paul Valéry, na sua famosa conferência sobre a *Crise do Espírito*. "Vemos agora que o abismo da história é bastante grande para que nêle caiba todo o mundo", é o caso de repetir-se com o poeta e pensador francês.

Esse estado grave, nascido do conhecimento da própria fragilidade e fruto das horas difíceis por que passamos, significa que não somos mais, Senhor Presidente, adolescentes, mas nações que sabem como devem agir, como devem conduzir-se para que sejam evitados conflitos, para que os nossos povos conheçam uma longa e fecunda paz política, que lhes permita trabalhar, progredir e não só aumentar o espaço da prosperidade doméstica, mas também influir no concerto do mundo: saber como agir; considerar as coisas profundas e importantes, desdenhar o irrelevante e as mesquinhas competições; poder desejar, como sua própria, a prosperidade do Amigo — tudo isto foi o que surgiu de novo, diferente e profundo, nas disposições que animam os nossos dois países.

Pelos efeitos de um esclarecimento que se processou graças a uma existência não raro dolorosa, nossas pátrias contemplam-se e consideram-se, hoje, de maneira mais firme, mais generosa e mais autêntica. Sabemos que só temos um único caminho a fim de tornarmo-nos poderosos e darmos estabilidade e segurança às nossas nações; êste caminho é o de unirmo-nos fortemente, em medidas práticas e corajosas, e não apenas através de palavras belas, mas desacompanhadas de qualquer ação correspondente. Nesta parle da América, os problemas relativos a um entendimento

comercial, de interpenetração de interesses, têm de ser repensados a sério, dentro das diretrizes de uma nova política adequada à conjuntura e não mais como um vago ideal sempre adiável. Somos acusados, nós, sul e latino-americanos em geral — apesar de tantas provas dadas em contrário — de nos contentarmos com discursos, de nos abalarmos com meras disputas por uma posição de prestígio que não corresponde jamais a uma realidade efetiva. Não podemos — e, se o fizéssemos, estaríamos negando qualquer espécie de avanço, no sentido da maturidade cultural dos nossos povos — deixar de confessar que nem sempre temos sido bastante objetivos, que nem sempre temos dado prioridade merecida aos problemas — fundamentais para o nosso desenvolvimento harmônico; não raro, nos dias que se foram, acreditamos em fábulas e nos deixamos levar por argumentos especiosos — em lugar de encararmos, com clarividência e objetividade, o que se ligava aos nossos mais urgentes interesses. Mas só faço alusão a isso para ressaltar, de forma bem positiva, que despertamos, enfim, que sabemos o que importa saber, que muitas escamas já caíram de nossos olhos e que quase nada mais resta capaz de turbar a nossa visão. Sabemos por exemplo que um dos elementos indispensáveis à plena industrialização dos nossos países e à sua expansão é o problema dos mercados. Já sabemos perfeitamente que, divididos, prisioneiros de limitações que não mais se justificam, caminharemos lentamente. Nos tempos atuais, estão-se formando e se agrupando famílias de países com afinidades geográficas visando à exploração de zonas de comércio amplificadas graças a entendimentos lógicos. Já chegou a hora, Senhor Presidente eleito da República Argentina, de prestarmos detida atenção a essas lições que povos experientes e antigos nos estão proporcionando, a fim de agirmos em consequência.

Não é este o momento para insistir neste assunto, ligado necessariamente a uma série de estudos técnicos, mas reputo oportuno proclamar que a ideia de um entendimento que fortaleça as nossas economias e nos possibilite um aceleração de nossa expansão e do nosso soerguimento já germinou nesta parte da América e poderá, de uma hora para outra, frutificar. É útil, é mesmo urgente que se saiba que não mais desejamos perder tempo na conquista de uma objetividade, de cuja falta temos sido acusados.

O que poderia impossibilitar ou retardar qualquer entendimento — hoje não mais existe.

Sempre tivemos uma vizinhança pacífica, e muitos dos nossos grandes homens dispuseram-se com nobreza e veemência a desfazer, aos poucos mas constantemente, equívocos passageiros de que não nos lembramos sequer; mas nunca, apesar de uma tão continuada prática de cordialidade e de estima recíproca, nunca, repito, foi tão grande e tão insopitável o desejo de darmos-nos as mãos, de caminharmos juntos, de fazermos uma só política no interesse de nós todos, países sul-americanos que necessitamos e temos o direito de maior segurança e de melhor vida para os nossos povos.

Não lhe estarei dizendo nada de surpreendente, Senhor Presidente, não estarei agindo apenas em obediência às regras de boa acolhida, a um hóspede tão ilustre de meu país, se lhe confessar que uma política de crescente e mútua colaboração do Brasil com a Argentina é um dos alvos mais obstinadamente visados por meu Governo e dos que mais me tocam ao coração.

Vossa Excelência veio de uma campanha eleitoral que, além de significativa vitória pessoal para Vossa Excelência, representou a reintegração plena da Argentina — honra e glória da cultura política neste Conti-

nente — de novo na democracia. A democracia não é para a Argentina uma dádiva ou uma simples herança, mas uma conquista, o fruto de muitos trabalhos e sacrifícios por parte da geração a que pertenceis, Senhor Presidente Frondizi.

Aqui desejo salientar o papel do Governo provisório de seu país — chefiado pelo General Aramburu, a quem não só os argentinos, mas a própria causa da democracia ficaram devendo serviço inestimável.

Julgo que a história de seu país, Senhor Presidente, reservará uma situação de destaque a esses militares que souberam, pelo desinteresse e pela firmeza de atitudes, preservar o prestígio e ressaltar o desprendimento das forças armadas da grande República que Vossa Excelência vai governar com segurança e alto descortino.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, é um homem fadado a representar decisivo papel na política sul-americana. Nada lhe falta para isso — nem o entusiasmo pela tarefa, nem a compreensão do que é necessário executar. Vossa Excelência sabe que passou — que está definitivamente superada a era das disputas por questões de liderança e que somos um grupo de nações livres, todas desejosas de se entenderem, de se ajudarem, de vencerem juntas. Em relação particularmente ao Brasil, o próprio fato de ter Vossa Excelência nascido numa cidade na nossa fronteira, Paso de Los Libres, e de quatro de seus irmãos terem visto a luz do primeiro dia em território brasileiro, é uma indicação natural da predisposição de Vossa Excelência para a utilização profícua do estado de espírito fraterno que, neste momento, identifica nossos povos.

Saúdo Vossa Excelência, Senhor Presidente, em nome do Brasil e no meu próprio, pedindo a Deus que inspire cada um dos atos de Vossa Excelência, como

Chefe de Estado, que proteja a pessoa de Vossa Excelência e sua família. Peco-lhe, Presidente Frondizi, que deste encontro — o qual, infelizmente, não foi tão demorado quanto o reclamavam os numerosos assuntos que tivemos e teremos ainda de tratar — leve Vossa Excelência a certeza de que tudo o que acontece em seu nobre país é acompanhado com o maior e o mais cordial interesse pelo Brasil; que consideramos o progresso, os êxitos, as vitórias da Nação argentina como os de um membro muito e muito próximo de nossa família. Creia que o Brasil se orgulha da Nação-irmã argentina e sofre com os seus sofrimentos e vive as suas horas difíceis com um sentimento de sincera e total solidariedade.

2. AGRADECIMENTO DO PRESIDENTE ARTURO FRONDIZI

Excelentíssimo Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil:

Agradeço do fundo do meu coração a grande honra que significa o convite formulado pelo Governo dos Estados Unidos do Brasil. Aceitei êsse convite não como uma deferência pessoal, mas sim como uma homenagem que se tributa à Nação Argentina. Avaliamos êsse honroso gesto em tôda a sua significação e o interpretamos como uma prova a mais da tradicional fidalguia e cavalheirismo do povo brasileiro e de seus preclaros governantes.

Agradeço, também, a oportunidade que se me oferece de tornar público não somente o reconhecimento do povo argentino, senão também seus profundos sentimentos de fraternidade para com o povo do Brasil.

O afeto do povo argentino nasce do sentimento, mas se afirma nas evidências da razão diante da reali-

dade exemplar de um país que é motivo de orgulho para a América.

O Brasil, que se conta entre os primeiros países do inundo, conseguiu realizar, em seu solo generoso, o ideal cristão de fraternidade humana. Nesse imenso cadinho onde se fundem e se confundem, sem preconceitos, todas as raças, sob a proteção de uma civilização pujante e criadora, que absorve o melhor de cada uma e faz de cada ser um testemunho vivo da unidade essencial do género humano.

Essa façanha da civilização americana se concretiza em um solo dotado de enormes riquezas e energias latentes que permitem tornar realidade todos os anseios de um grandioso futuro. E ai estão, como testemunhos irrefutáveis desse destino, os extraordinários frutos alcançados em cada setor onde a vontade do homem brasileiro soube conjugar-se com os pródigos recursos da natureza. Esta maravilhosa resultante, que se expressa nas admiráveis cidades, na pujança industrial e nas vitórias artísticas e científicas do Brasil, é ainda mais extraordinária se se pensa que foi realizada em condições de climas singulares que fazem da civilização brasileira uma proeza humana de nossos tempos.

O povo argentino admira no Brasil sua consciência nacional, o claro prestígio de suas instituições, seus altos níveis de cultura. A arte brasileira marca rumos e manifestações que transpõem já os limites do Continente. O acervo das criações arquitetônicas no Brasil constitue valoroso subsídio ao património da arquitetura contemporânea, cuja influência já se faz sentir nos centros culturais dos países que outrora lideraram a arte ocidental e se faz presente nas grandes obras dos países novos da Ásia e da África. O prestígio de seus músicos, pintores e escultores não é menor que o de seus arquitetos.

Por tudo isso tenho podido afirmar -- e o repito com profunda sinceridade -- que, como americanos, estamos orgulhosos do Brasil.

Os argentinos muito têm de comum com o Brasil: a raça, a história, a religião, as instituições. Inspiramos idênticos ideais de realização nacional, de progresso social e de respeito pelo ser humano. Sentimos como se fossem nossos os esforços que o Brasil realiza para fazer realidade de seus anseios. Cada triunfo do Brasil no campo da técnica, da ciência ou da cultura é um triunfo também nosso, um triunfo americano. Como o Brasil, o povo argentino considera que as pessoas e os direitos humanos são sagrados. Quer que a vida do homem e suas manifestações individuais ou coletivas estejam resguardadas por um sistema de garantias jurídicas, políticas e sociais que elimine o temor, a insegurança ea violência. Quer fazer efetivas as instituições e as liberdades democráticas: quer, sobretudo, que se respeite o direito à livre expressão das ideias, que consiste não somente em dizer o que se pensa, senão também em exercer, sem entraves, o direito de discutir e de criticar os homens de govêrno. Só assim, poder-se-ão criar as condições de liberdade que possibilitem a vida do espírito e façam realidade a existência de uma cultura própria, fecunda e de profunda raiz nacional e popular.

O exercício da liberdade exige também a existência de condições concretas que permita o acesso do povo ao gozo dos bens materiais e espirituais.

No conceito de democracia política está implícito, em nosso tempo, o conceito de democracia económica e social.

Para que a liberdade seja fecunda e duradoura, deve ela inspirar-se numa economia posta a serviço da

realização humana de todos os habitantes e da realização nacional de todos os países.

Vou-lhes falar agora de economia e por isso neces-
sito reiterar que o progresso para ter sentido deve
apoiar-se na vida moral que é o respeito pelos senti-
mentos mais íntimos do ser humano. Os países da
América Latina defrontam-se com difíceis circunstân-
cias econômicas. Padecem ainda das consequências de
uma estrutura baseada na exportação de matérias-
primas, que encontra o mercado mundial restringido,
ao mesmo tempo que as importações de produtos ma-
nufaturados são cada vez mais custosas.

Os preços internacionais se desvalorizam, surgem
novas concorrências e diminui o interesse por muitos
produtos. Isso acarreta crescentes "deficits" na ba-
lança de pagamentos, diminuição do nível de vida da
população e os consequentes transtornos sociais e po-
líticos.

Este panorama real nos obriga a extrair conclusões
objetivas. A primeira delas é que o esquema eco-
nômico, sobre o qual foram traçadas as estruturas bá-
sicas de nossos respectivos países, carece de vigência.
A história busca, cada vez mais, ser História Universal,
de todo o gênero humano sem exclusões de nenhuma
natureza. Outros continentes surgiram com personali-
dade própria com novas procuras e novos mercados,
mas também com novas fontes de produção. O pro-
gresso deixou de ser um privilégio de um núcleo re-
duzido de nações e está se convertendo em patrimônio
do gênero humano. O progresso significa melhor ali-
mentação, melhores roupas, melhores casas, mas signi-
fica também cultura superior e técnica avançada.

Produtos novos vão deslocando os produtos tradi-
cionais. O espírito criador do homem encontra cada
dia novos sucedâneos. Já vimos como foram substi-

tuídas a borracha e a sêda natural. Talvez seja oportuno recordar que há algum tempo o Mundo Ocidental baseou grande parte de sua prosperidade no tráfico comercial decorrente da importação de especiarias, sedas e luxos extravagantes. Existiram grandes metrô-
poles que se desmoronaram quando a estrutura eco-
nômica da Europa buscou novos rumos e se incorporou à era moderna. A era atual é de profunda transforma-
ção econômica e se quisermos subsistir e crescer como grandes nações teremos que nos colocar dentro da História que marcha decisiva e claramente no sentido do triunfo da ciência, da técnica e do progresso social.

Os países da América Latina podem enfrentar esta prova. Estamos em condições de imprimir um enérgico impulso ao nosso desenvolvimento econômico que reclama uma integração da agricultura, da mineração e da indústria. Estes países têm enormes reservas energéticas, em forma de carvão, petróleo e quedas d'água; têm matérias-primas; têm técnicos e trabalhadores capazes e homens de negócios progressistas. Pode chegar a haver uma siderurgia sul-americana, se conjugarmos nossos esforços e nos propusermos a essa meta comum. Se foram erigidos grandes centros industriais do mundo em países que devem importar matérias-primas, como não havemos nós de poder construir nossos centros industriais, quando contamos com todos os recursos e não necessitamos depender de provisões do exterior? A América do Sul é talvez o Continente mais rico do mundo em minério de ferro. Há centros industriais europeus e asiáticos que trabalham com o ferro, com a lã e com o cacau sul-americano. Que esperamos, portanto nós, sul-americanos, para produzir as manufaturas, os tecidos, os produtos alimentícios que agora somos obrigados a importar a trôco de uma produção eivada de inevitáveis crises?

Esta perspectiva nos concita a uma tarefa conjunta. Não se trata somente de fomentar o intercâmbio entre as Nações latino-americanas. Trata-se de projetar uma política econômica comum que permita defender nosso futuro.

Nos momentos atuais existe uma preocupação constante pelos efeitos de um declínio econômico em diferentes partes do mundo. Se isso ocorre, os países da América Latina deverão enfrentar uma prova decisiva, pois ficarão à mercê de seus próprios recursos.

Estaremos seguros do triunfo quando tivermos confiança em nossa capacidade e nos dispusermos a encarar a situação unidos por uma comum decisão. Nosso objetivo deve ser o de penetrar na vida tecnológica e industrial do mundo de hoje. É uma característica marcante de nossa evolução econômica o de vermos favorecido nosso progresso quando provocados pelas difíceis circunstâncias internacionais. Os grandes avanços no campo da indústria foram realizados durante as duas guerras mundiais e a crise econômica de 1930.

Se bem que a conjuntura atual não apresente tanta gravidade, é evidente que nosso comércio exterior pode sofrer consequência e que os fatores internos adquirirão nova importância. Sob tais bases um entendimento entre os países latino-americanos não pode ser senão benéfico e pode concretizar-se simultaneamente em diversos setores. A siderurgia do Brasil, por exemplo, pode colaborar eficazmente no desenvolvimento da indústria argentina. Essas relações econômicas não devem traduzir-se em termos de concorrência. O crescimento conjunto e harmonioso de nossos povos nos beneficiará a todos. A elevação do "standard" dos nossos povos significa também novos mercados de consumo para toda a produção latino-americana. A pros-

peridade de cada uma de nossas Nações estará ligada à prosperidade das demais. Podemos chegar a um mercado comum com uma forma de produzir a expansão dos mercados mediante uma adequada organização do crédito e da assistência técnica para desenvolver indústrias e estimular exportações. Esse objetivo deverá ser precedido necessariamente de um processo de integração nacional em cada um de nossos países, que conjugue todos os recursos humanos e naturais e os coloque ao serviço de ideais de progresso nacional e bem-estar popular.

Esta ação conjunta deve estimular todos os fatores de progresso e não somente os de natureza econômica. Servirá para coadjuvar esforços e aproveitar, em cada país, a experiência adquirida nos outros. Deverá intensificar-se o intercâmbio de técnicos, investigações conjuntas deverão ser empreendidas e deverá pensar-se na criação de institutos comuns para estudiosos e investigadores de todos os países. Essa soma de experiências constitui um capital não menos valioso que o capital financeiro e muitas vezes uma iniciativa feliz pode ser muito mais lucrativa que uma inversão em dinheiro. A ciência e a técnica têm precisamente a virtude de trocar a inteligência de uns poucos homens em bem-estar e progresso para muitos milhões. Através da força moral e do saber o espírito desenvolve mais vontade que toda a energia contida no solo que as sustenta.

Estamos convocados para uma grande tarefa comum e podemos realizá-la. Somos parte de um mundo novo nascido sob o signo da esperança, da fé e do ideal. Este continente é uma realidade histórica e geográfica e ainda que sua unidade originária não tenha sido acompanhada de um desenvolvimento igualmente equilibrado, ainda há tempo para recuperar o tempo perdido e lograr, na América Latina, os mesmos altos níveis

de progresso material que marcam o triunfo de outras partes do mundo.

Sim, somos americanos de tóda a América, desde o Polo Norte até o Polo Sul. Fomos descobertos juntos, juntos cumprimos nosso destino de Continente de esperança e juntos atravessamos as vicissitudes da liberdade, da independência e da realização nacional, mas há uma realidade cultural e económica que oprime nossos corações e golpeia nossa inteligência. Há uma parte da América desenvolvida, com altos níveis de cultura e de vida, que alcançou a plenitude de sua capacidade criadora. E há outra parte da América, a nossa, onde milhões de seres humanos não recebem os benefícios da cultura, as virtudes da técnica e as conquistas do bem-estar. São milhões que vivem num nível baixíssimo de vida, que morrem jovens e estão oprimidos pelo peso de uma existência injusta e sem horizontes, abrumados pela insegurança e pelo medo do futuro. Desejamos que a América — tóda a América — seja uma unidade de homens livres e iguais, libertados da necessidade e do temor, mas também desejamos cumprir o dever fraterno e cristão de olhar as condições de nossos semelhantes que nos rodeiam e reparar, em nosso próprio solo, os males que nos pesam.

Reiteramos a consciência de nossa unidade geográfica e histórica continental, mas sabemos que somos parte de um mundo maior, um orbe cultural de signo cristão: o Mundo Ocidental. Somos herdeiros de um património que queremos conservar e enriquecer. Desta maneira concebemos um Ocidente com uma tradição espiritual que confira à personalidade humana sua posição proeminente e que considere o homem e a sua liberdade como coisas sagradas e inalienáveis.

O Ocidente é para nós um conceito espiritual do mundo e do destino do homem. E partindo precisa-

mente deste conceito do homem é que sentimos pertencer a um mundo universal, isto é, sentimos a fraternidade entre todos os povos da terra e sentimos que a causa da América é também a causa do género humano.

Na comunidade das Nações, a comunidade latino-americana tem um sentido histórico e cultural. Seus povos e seus dirigentes afirmam a soberania de seus países. Têm consciência plena de que como Nações livres e independentes estão colocadas no mesmo pé de igualdade, no referente a seus direitos e responsabilidades, que as maiores potências do mundo. Em virtude desta consciência nossos povos não aceitam intervenções em sua vida política e social. Essa consciência nacional é característica própria de cada um de nossos países mas que se integra no conjunto da comunidade latino-americana e forma parte de uma consciência continental americana, sem mentores e sem tutelas de uma Nação sobre qualquer outra. Nossos povos querem definir por si mesmos seu próprio caminho, bem como os passos que darão em seus respectivos processos nacionais e internacionais.

Os países dêste continente não temos uma aliança nem um acordo temporário de vontades. Nossa solidariedade é um fato histórico indestrutível e um dos modos de nosso ser. Está presente na maneira pela qual se constituíram nossas Nações, na maneira segundo a qual se desenvolveram e na maneira como se fazem sentir no processo contemporâneo.

Está presente no plano comum de enfrentar e vencer as dificuldades atuais e na vontade unânime de seus povos de viver uma vida mais feliz e mais digna. Está presente, sobretudo, na sua vontade criadora. Estamos forjando um mundo novo, um mundo que quiseram nossos antepassados: de liberdade, de esperança e de justiça.

Como todas as obras criadoras esta empresa se realiza na paz, pela paz e para a paz. Temos uma vocação de fraternidade e solidariedade. Inspirados neste mesmo ideal os argentinos professam sentimentos inatos de amizade com todas as Nações, sobre bases de consideração e respeito recíproco. Influencia de modo decisivo êsse ideal a vocação de todos para o império de uma democracia efetiva que assegure a proteção dos direitos legítimos das pessoas e dos organismos sociais.

Essa preocupação é de paz e de liberdade assentadas sobre um fundamento de justiça. Nada nos atemoriza. Nada nos obriga a pensar em termos de prevenções, nem para o presente, nem para o futuro. Protegeremos vigorosamente nossas soberanias e nossa segurança interna. Mas saibamos que por detrás de nossas fronteiras não está um inimigo que nos vai atacar, mas sim um irmão que nos protege os flancos. Livres dessa preocupação, procuremos aplicar todos nossos recursos em investimentos frutíferos, possibilitando um maior aproveitamento do potencial humano para as atividades criadoras. Ficarão fortalecidos assim tanto as culturas, quanto as economias nacionais, sobre a base de um aumento cada vez mais acelerado do nível de vida, para todas as famílias que formam o povo de cada uma das repúblicas.

Estas palavras são expressão de um sentimento compartilhado por todo o povo argentino.

Desejo agradecer e acolher a referência ao Senhor Presidente General Aramburu e às forças armadas de minha pátria que cumpriram o compromisso de realizar comícios corretos e que entregarão o Governo aos mandatários eleitos pelo povo. A História, como Vossa Excelência salientou, reservará uma posição destacada

a esses militares que acataram a vontade soberana do povo.

Reitero as expressões do meu mais profundo reconhecimento pelas inúmeras atenções recebidas e rendo minha homenagem aos Estados Unidos do Brasil, a seu nobre povo e a seus ilustres governantes. Dentro de poucas semanas assumiremos a responsabilidade do Governo da República Argentina. Guardaremos viva a recordação desta acolhida fraternal que encontrará sempre resposta em nossos corações irmanados com o Brasil no afeto, nos ideais e na criação de um mundo melhor. Queira Deus iluminar os nossos povos e infundir-lhes a força necessária para realizar os grandes destinos que nos descortina a História. Queira, também, Deus inspirar a Vossa Excelência como governante e protegê-lo bem como a sua família e derramar as bênçãos de felicidade sobre êsse grande povo irmão.

III — VISITA AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

EM 9 DE ABRIL DE 1958

1. DISCURSO DO MINISTRO OROSIMBO NONATO, PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

A visita de Vossa Excelência ao Brasil, Excelentíssimo Senhor Presidente Arturo Frondizi, com que rápida, posto realizada em breves horas acurtadas pelas grandes responsabilidades que o esperam e pelo enorme labor que o aguarda, renderá ensejo a Vossa Excelência de experimentar de perto os sentimentos de fraternal amizade do povo brasileiro à gloriosa Nação platina.

Derivam êles de fontes inexauríveis, de uma imposição espiritual mais do que espontânea — incoercível — e, do mesmo passo, constituem um dos mais importantes fatores de paz e de progresso do continente americano em que os nossos mais ardentes ideais situam a região da paz e da democracia, do direito e da fraternidade.

As palavras aqui não traduzem simples e descolorosa expressão de cortesia protocolar.

A prestigiosa presença cordial de um argentino egrégio outras não pode suscitar no Brasil.

Nós outros brasileiros, Excelentíssimo Senhor Presidente Arturo Frondizi, acompanhamos com emoção fraterna os lances da campanha que teve feliz remate na eleição de Vossa Excelência. E através de todas

as suas asperezas e da sucessão dos prósperos e dos adversos que forniam a trama das existências individuais e coletivas, jamais duvidamos de que a Nação Argentina atingiria e atingirá os cimos de seu grande destino, ainda escalando escarpas e assoberbando contrastes com ânimo varonil.

E nesses sentimentos conspiramos todos os brasileiros, unidos na amizade e na admiração à pátria de Vossa Excelência, àquela parte da antiga jurisdição do "adelantado" Pedro Mendoza e que, no discurso de poucos séculos, se converteu no país maravilhoso de progresso, de civilização e de cultura, singular em muitos aspectos de seu evolver, mas integrado no espírito de fraternidade das Nações Americanas, impregnados de largo sopro de idealismo e generosidade.

A figura, nimhada de glórias, de San Martin, não pertence somente aos quadros da história argentina: — avulta no continente como um libertador de povos.

Bolívar foi o primeiro a acalentar o sonho e intentar o plano de uma sociedade de nações.

Em nosso continente foi que se instaurou a era dos congressos internacionais para o trabalho ingente da pacificação dos povos. E os brasileiros sentimo-nos venturosos de lembrar que partiu de José Higinio a ideia da codificação do direito internacional e que foi Rui Barbosa, escultor de orações imortais "no mármore de canteiras impolutas", que apregoou em Haia o princípio da igualdade das nações.

Realiza a América, na interpenetração dos sentimentos de seus povos fraternos e na aspiração comum da democracia, tantas vezes em luta, à arca partida com as durezas da realidade, uma admirável comunidade.

E se ela, no seu evolver, não a transformar na "Magna Civitas", miragem que talvez não saia, nunca

dos nuncas, do país encantado da quimera, poderá servir ao mundo de modelo de compreensão e de reciprocidade, eliminado o orgulho nacional em seu pior sentido, porque alimentado na ambição odiosa de hegemonias e na desconfiança e no desprezo de outros povos. E assim sempre o sentiram os maiores homens públicos da Argentina, do Brasil e dos países americanos, guardando todos fidelidade aos profundos anseios de paz e de fraternidade de seus povos.

Está Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Arturo Frondizi, eleito em Presidente da República.

O árduo e o glorioso de sua missão o tornam benemérito de todo o nosso respeito e das homenagens que em tôda a parte assinalam no Brasil a presença gratíssima e prestigiosa de Vossa Excelência. Vai Vossa Excelência assumir a direção de um grande país — grande pela cultura, pelo progresso, pelo heroísmo de seu povo, pela generosidade de seus filhos — em um momento em que a humanidade se debate na convulsão das crises supremas.

Democrata e patriota, idealista e homem de ação, terá Vossa Excelência, em um grande e radioso centro de cultura humana, de equilibrar a liberdade e a igualdade, os princípios de um elevado nacionalismo com as aspirações da fraternidade dos povos, de guardar equilibrados esses ideais ao parecer contrários, mas cuja coexistência é que enobrece a política e suscita a felicidade dos povos.

A política tanto pode ser a mais repulsiva das atividades humanas, para lembrar as palavras de amargura de um grande vencido, como a nobilíssima das artes e a mais elevada das ciências.

Quando se sublima nas inspirações do bem comum enobrece a quem a pratica e superioriza os povos a quem beneficia.

Como dizia Rui Barbosa, ela afina o espírito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmo, desenvolve nos indivíduos coragem, nobreza, previsão e energia. E é ainda uma escola de humildade e de abnegação, tão certo é que, se muitas vezes se lançam ao obliúvio benefícios e dedicações, não faltam apodos e vitupérios aos erros e ilusões em que se abraça o político, ainda de bom ânimo e de consciência ileza. O seu prémio estará na justiça da História e, sobretudo, na apreciação de sua consciência: — *recti facti, fecisse merces est*, como dizia o estóico. Há que acrescentar o difícil dessa ciência, a cujos dados esgueiriços aludia Bryce, mas de que todos se julgam senhores, impando de mestres guapíssimos e infalíveis.

E se assim foi em todos os tempos, màxime o será agora, nos tempos duros e sombrios que correm. O homem moderno terá de decifrar o segredo de conciliar a liberdade com a igualdade, a expansão livre de suas atividades com a mais depurada fraternidade nas relações do consórcio civil. As democracias florescem em beleza, mais igualmente em gloriosos perigos.

Como já tive ensejo de dizer, vivem os povos entre os tateios e experiências tantas vezes angustiosos das democracias e a triste desliberdade dos grupos dominados pelo fascínio de César e das personalidades carismáticas.

Que os perigos da democracia, porém, não atirem os povos aos sorvedouros dos governos absolutos !

Já alguém que experimentou os perigos da primeira e as opressões brutais dos segundos, teve esta reflexão melancólica: — "A democracia é um paraíso bem pobre; mas os que já experimentaram o inferno sabem que um paraíso, ainda pobre, vale mais que o inferno e que o pouco de liberdade da democracia, comparado

à escravidão absoluta, é como o frescor de uma linda manhã de primavera paragonado ao círculo gelado do inferno dantesco".

Por outro lado, não pode, não deve a democracia, por amor da liberdade, aprofundar desníveis sociais e permitir o triunfo do poderoso sobre o "humilior".

Desarestar desníveis conspícuos, eliminar desigualdades odiosas e evitáveis, vedar o aniquilamento dos fracos na luta da vida, é a mais alta pensão dos governos modernos, o mais imperativo de seus deveres, se cumprido com o sacrifício mínimo da liberdade. Esta e a igualdade, disse-o Merejkowsky, devem ser duas manifestações da mesma força, a luz e o calor do mesmo sol.

"Não há verdadeira igualdade sem uma parcela, ao menos, de liberdade".

A êsse problema formidável, outros se anumeram, angustiantes, avultando como um desafio ao homem, màxime aos que têm a responsabilidade da orientação e do comando dos povos.

O progresso material desconvizinou-se do aperfeiçoamento e da elevação dos espíritos.

O "demónio de cobalto" impera e a inteligência "com olhos de Medusa ameaça aniquilar a vida". "O abuso da mecânica ameaça o mundo de hoje, como o abuso da magia perdeu a Atlântida primitiva".

E se não voltar o mundo ao culto das leis supremas, sobranceiras ao tempo e desconhecedoras das raias de umas nações contra outras, das coordenadas que assinalam os assentos das soberanias, tudo sob a inspiração satânica da ciência e da cultura, cederá ao império da força e da bruteza. E quando a cultura degenera em brutalidade, verifica-se o péssimo da corrupção das coisas ótimas. Tem razão Maritain ao dizer que



civilisé degenerate est quelque chose de beaucoup plus bas qu'un primitif".

Não nos deixemos, entretanto, empolgar da visão do aniquilamento de um mundo de réprobos, castigado pelo pecado mortal do desprezo das leis do espírito, ditadas de Deus, "incógnita dos grandes problemas insolúveis, harmonia entre as desarmonias da criação". Não percamos a esperança da reintegração da justiça, sem a qual — dizia um clássico da língua portuguesa — "a ordem é desordem, a glória, infâmia, o bem é mal e a vida é morte".

Para uma tarefa titânica, a Argentina convocou ao seu governo supremo a Vossa Excelência, Senhor Presidente Arturo Frondizi, certo de que no unguento de suas urnas se encontra mais do que um simples jurista, um técnico, embora armado dos primores da cultura, senão um homem cuja inteligência também mergulha as raízes no coração, o pregoeiro de um nacionalismo sadio, de um socialismo equilibrado e, pois, um sociólogo e um artista, como o desejaria Hauriou, um criador de ordem social.

À gloriosa luta que o sagrou nas urnas livres de sua pátria, Excelentíssimo Senhor Frondizi, segue-se outra, mais áspera e mais difícil. Não importa. A luta — já se disse — é o pão e a alegria dos fortes. Ela terá por tablado uma das maiores democracias da América e do mundo. Que os esforços generosos de Vossa Excelência se expandam em benefícios à humanidade, mais especialmente à América e mais especialmente, ainda, **conservem** e exaltem a grandeza e a glória da Argentina!

2. AGRADECIMENTO DO PRESIDENTE ARTURO FRONDIZI

(Resumo taquígrafico da Agência Nacional)

O Presidente Frondizi proferiu, de improviso, a oração de agradecimento, ressaltando de início, que as honras e homenagens que lhe atribuíam as autoridades brasileiras encerram todas as aspirações de um ser humano.

Disse ser apenas um simples cidadão que merecera a consagração de seu povo, nas urnas, mas um cidadão que possuía a convicção profunda de que não poderiam subsistir civilização e cultura onde não houvesse justiça. Assim, inclinava-se, reverente, ante o Poder Judiciário da grande República brasileira.

Podia afirmar aos magistrados supremos da Alta Corte, prosseguiu o Senhor Frondizi, que na Argentina, que iria governar, se instalaria a Democracia em sua plenitude, isto é, Democracia que respeita os direitos humanos, que pratica a justiça independente e que julgará de acordo com a ciência jurídica e com a consciência de juizes probos, isentos de outras influências.

Após acentuar que a justiça independente foi uma das maiores conquistas dos povos, em sua evolução, finalizou afirmando:

"Nunca seremos país se não formos capazes de nos inclinar, respeitosos, diante da Justiça, como o faço neste momento solene para mim".

IV _ VISITA AO SENADO FEDERAL

EM 9 DE ABRIL DE 1958

1. DISCURSO DO SR. JOÃO GOULART, VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Senado brasileiro tem a honra de receber, neste momento, a pessoa ilustre do Presidente eleito da República Argentina, Senhor Arturo Frondizi.

Já de outras "feitas o Brasil tem aberto os braços para o amplexo fraternal a dirigentes dos nossos valerosos vizinhos do sul, em cuja presença, entre nós, vemos a expressão do mesmo fervor que nos anima, a uma amizade que desejamos sempre crescente.

Júlio Roca, Agustín Justo e Pedro Eugênio Aramburu aqui estiveram para fincar outros tantos marcos indestrutíveis na história das relações entre os dois povos.

Os seus nomes, para os brasileiros, mais que nomes de três grandes vultos argentinos, se tornaram símbolos de elos inesquecíveis entre duas pátrias irmãs.

Agora é Vossa Excelência, Senhor Arturo Frondizi, que nos traz, com a sua visita, a renovação do privilégio que os seus antecessores nos propiciaram, de saudar a gloriosa nação argentina e o seu nobre povo num dos seus mais altos e expressivos valores.

Para dizer do júbilo com que esta Casa do Congresso brasileiro recebe a honrosa visita, concedo a palavra ao senador Gilberto Marinho.

2. SAUDAÇÃO DO SENADOR GILBERTO MARINHO

Excelentíssimo Senhor Presidente Arturo Frondizi.

A ascensão de Vossa Excelência à suprema magistratura da sua nobre e poderosa Nação, ungido por consagrador veredito eleitoral, após empolgante jornada em que o povo argentino ofereceu um exemplo vivo de maturidade política, cultura cívica, e aprimoramento coletivo, constitui acontecimento de inexcédível significação na vida política da América.

A evolução da democracia no Continente é uma obra de interesse comum para todos os nossos países, porque os avanços ou os retrocessos que sofre um deles exercem influência nos demais e a todos compete a realização dos altos ideais que um regime político uniforme articulou em nossas respectivas cartas básicas, para que estes não sejam apenas a expressão abstrata dos anelos públicos, mas se convertam em síntese concreta dos direitos cívicos.

A majestosa imposição das forças partidárias e das massas populares que se agremiaram sob a invocação das ideias pregadas por Vossa Excelência, triunfo tão claro, tão esmagador, tão insofismável, que ninguém ousou sequer pôr em dúvida, elevando e consolidando a democracia na sua pujante pátria, representará um fator de paz social e de progresso económico para todas as nações latinas deste hemisfério.

Em nossa América privilegiada não há nem poderá haver jamais outro domínio que o da liberdade e da justiça, apaziguador de paixões, aplacador de rivalidades, nivelador de hierarquias que sujeita os povos a que preside ao mútuo respeito e ao reconhecimento da soberania de cada um deles, sem que nenhum ambicione alargar seus limites com menoscabo dos alheios, vivendo em tranquila vizinhança, cada qual no solar que lhe coube na partilha do bem comum.

As nossas nações tiveram sua liberdade cimentada sobre os princípios da democracia, assentada com firmeza incomovível em todo o continente, outorgando-se uma vida autônoma, independente de toda ascendência estranha rebelde contra toda prepotência, abroquelada em seus direitos como um baluarte inexpugnável contra o assédio das ambições e das cobiças imperialistas.

Cêdo elas aprenderam a advertência tantas vezes reiteradas por experimentados condutores seus, de que a vida exterior está reservada exclusivamente para as comunidades com vitalidade. Só estas podem forjar um caráter próprio e adquirir uma fisionomia peculiar ante o mundo.

Os povos cuja liberdade política é praticamente inexistente, os economicamente débeis, os socialmente convulsionados na voragem da desordem e da anarquia, não podem impor sua personalidade no agitado debate universal.

Nada é comparável, como disciplina de convivência harmônica, à coordenação dos interesses das nações, fundada em uma justa razão, em sua mútua compreensão e em sua livre vontade.

Quando duas nações chegam a compreender que uma determinada solução é a que mais se aproxima da equidade, a mais conveniente para ambas e a que melhor as vincula e solidariza na vida, essa é a garantia suprema da ordem internacional e da paz.

Imensos e opulentos são os territórios que a Providência e o valor dos nossos antepassados nos legaram. Sobre seus elos, nas entranhas de suas terras e em suas matas, está o segredo de nossa grandeza material.

A transformação, por nós mesmos, dos bens que nos entregou a natureza permitir-nos-á a emancipação económica de avançarmos pelos largos caminhos da in-

dustrialização, contribuindo, assim, para elevação do nível de vida das massas trabalhadoras, e mais ampla fruição dos benefícios que a civilização oferece.

Florescem realmente em nossas herdades todos os dons, todas as artes, todas as excelências da civilização cristã. Devemos propiciá-las aos homens de boa-vontade, como um quadro de bem-estar humano, coesos mais do que nunca na consagração ao ideal em que se inspiraram tantos dos nossos mais insignes estadistas: fazer da América o mundo da Justiça e do Direito; da indiscutível igualdade jurídica de todos os Estados.

Mas a solidariedade americana não é o isolamento egoísta ante os problemas do mundo, porque se reconhecemos a unidade da América defendemos também a de toda a espécie humana e não podemos ficar indiferentes às angústias dos nossos semelhantes em outros continentes, nem aos perigos que neles possam ameaçar a paz. Daí a nossa integração na obra das Nações Unidas, onde a nossa confraternização regional se incorpora à unidade mundial, a vivifica e sustenta.

Já tem sido assinalado que o estudo da história argentina explica o robusto sentimento de nacionalidade que anima o seu bravo povo.

A transformação da planície dos pampas pelo grande movimento de colonização da segunda metade do século passado, teve como resultado a soberba unidade económica da Argentina. Depois, a invencível força de atração do solo e os imensos progressos políticos e sociais do país permitiram a rápida assimilação de todos os elementos daquela variada, intensa e audaciosa colonização. A Argentina consolidou a sua organização política e pôde então aparecer aos olhos do mundo ostentando na sua forte, perfeita e indestrutível unidade moral, o mais alto brasão a que pode aspirar um grande povo.

Seu progresso estupendo e magnificência da sua terra, e o desenvolvimento surpreendente da sua indústria, os seus famosos institutos científicos, a sua maravilhosa capital que brilha, não só pelo seu extraordinário esplendor material como também por ser uma das metrópoles do pensamento e do saber humano, enfim tudo quando faz a sua grandeza, repercute gratamente na alma brasileira.

Senhor Presidente Arturo Frondizi:

Fraternalmente unidos, porfiemos em realizar o que foi um sonho para os que nos precederam e que hoje aparece como um pensamento amadurecido para os que não se extraviam nas crises que encerram períodos da história, abrindo os caminhos do futuro.

Neste momento, saúdo em Vossa Excelência, que evidencia em todas as suas manifestações a inteligência e o descortino de um verdadeiro homem de estado, alto símbolo da grande Nação Argentina, berço de heróis e patriarcas imortais, a sua fidalga, empreendedora e cavalheiresca gente, augurando a união eterna dos nossos povos, na comunhão dos seus destinos e suas glórias.

S. AGRADECIMENTO DO PRESIDENTE ARTURO FRONDIZI

Senhor Presidente do honrado Senado dos Estados Unidos do Brasil:

Senhores Senadores:

Agradeço, intimamente, as palavras pronunciadas pelo Excelentíssimo Senhor Presidente do honrado Senado, que empenham minha gratidão pessoal e o reconhecimento do povo argentino.

Ao penetrar neste majestoso recinto, experimentei uma vez mais a viva sensação de fraternidade e identi-

dade de ideais que me acompanham desde que pisei, pela primeira vez, a formosa e nobre terra do Brasil. Meu espírito evoca, nestes momentos, um dos sentimentos que estão igualmente enraizados na tradição e na consciência do povo brasileiro e do povo argentino: o sentimento federalista. O regime federal de governo que consagram as Constituições corresponde às exigências ditadas tanto pela natureza como pelo homem. É parte de uma realidade geográfica, que outorga fisionomia própria a cada uma das regiões, e é parte, também, de uma realidade cultural, que corresponde à maneira como se manifesta o sentimento humano nessas mesmas regiões. Importa, porém, assinalar que a consagração da instituição política do federalismo é uma das formas em que se expressa a concepção do homem que caracteriza nossos povos. É uma maneira a mais de respeitar o individual e o pessoal dentro do conjunto social. É uma maneira mais de tornar realidade o direito que tem cada ser humano, na democracia e na liberdade, de expressar o mais autêntico, o mais próprio de si em cada instância da sua vida política, econômica e social.

Nesses momentos, a evocação do sentido profundo do federalismo tem significação especial. O êxito do sistema federal de governo na América, que conseguiu realizar grandes entidades nacionais, indestrutivelmente unidas, plenamente conscientes de sua soberania no exterior, oferece, também, a nosso ver, fecundos ensinamentos. O primeiro deles é que o crescimento das nações foi fruto do grau de desenvolvimento de cada uma das regiões que constituem o todo nacional. O segundo é que, nesses processos de integração nacional, julgo papel preponderante o desaparecimento das barreiras econômicas internas. A história prova, pois, que o fortalecimento das respectivas economias nacionais, dentro de cada um dos países soberanos que

constituem a comunidade continental e o estreitamento cada vez maior dos vínculos espirituais e materiais entre as nações da América é não somente empreendimento realizável no Novo Mundo; é imperativo da história e condição fundamental do nosso destino.

Excelentíssimo Senhor Presidente: quis, com estas palavras, nas quais se confundem o fruto da compreensão e a paixão do sentimento, assinalar, uma vez mais, o quanto temos de comum, o povo do Brasil e o povo de minha pátria, a Nação Argentina. Com essa mesma convicção e esse mesmo ânimo fraterno, invoco a proteção da Divina Providência, para que esse espírito de paz, fraternidade e mútuo apoio continue guiando os destinos dos povos irmãos de toda a América.

V — VISITA À CÂMARA DOS DEPUTADOS

1. DISCURSO DO SR. RANIERI MAZZILLI, PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

A honrosa visita de Vossa Excelência a esta Casa não tem a rígida significação de um ato puramente protocolar. Os legítimos representantes do povo brasileiro sentem-se felizes na saudação que dirigem, não apenas ao Presidente de uma grande Nação amiga, mas, sobretudo, ao admirável líder do nobre povo argentino nas suas aspirações de liberdade política, justiça social e cooperação internacional.

A vida pública de Vossa Excelência, Senhor Presidente Arturo Frondizi, é exemplo edificante de lealdade a ideias e princípios que constituem, na amplitude da cultura ocidental, os elementos indispensáveis à marcha progressiva da civilização. O mundo das submissões pela discriminação arbitrária e unilateral sobre povos desenvolvidos e subdesenvolvidos, na integração e aspiração de direitos e vantagens, não pode ter sentido de humanidade e justiça quando pretendemos viver e colaborar numa comunidade de nações democráticas.

E só a consciência nacionalista de cada povo, fortalecida pela compreensão dos problemas sociais e económicos de nossa época, tornará possível a cooperação internacional num plano de igualdade e dignidade.

Quando o presidente Roosevelt, com a visão profética de futuro próximo, após a guerra, disse que a

causa da paz e da liberdade encontraria os seus mais poderosos alicerces na interdependência económica dos povos, não estava pensando num universo de protetores e protegidos, nem de exploradores e explorados. Ao espírito do extraordinário líder norte-americano ocorreria, naquele momento, a gravidade dos perigos que uma política retardatária de predomínio económico e de usura financeira poderia acarretar à sobrevivência dos povos livres, numa guerra de competições desiguais.

Para afastar esses perigos, e na legítima defesa de interesses que não admitem transigência, só a consciência nacionalista dos povos tornará possível a colaboração, a cooperação, a reciprocidade que a interdependência económica sugere.

Evidentemente, encontramos nesta orientação de uma política continental as soluções imprescindíveis aos problemas do pauperismo e da desordem.

A autoridade moral, política e intelectual de Vossa Excelência para conduzir a sua gloriosa pátria no rumo desses altos objetivos não decorre, apenas, das elevadas funções para que foi eleito, mas é imperativamente a consequência lógica da sua obra notável, na cátedra, no livro e nos comícios — uma obra marcada pela sabedoria, pela tenacidade e pelo sacrifício.

Não atinge Vossa Excelência a suprema magistratura da República Argentina despertando dúvidas ou oferecendo incógnitas aos cuidados e curiosidades internacionais. Porque a ninguém é dado ignorar os valores positivos na existência de um homem de Estado que lutou e venceu pensando e falando alto sobre as suas ideias e os seus propósitos de ação e realização. E aí está o fator máximo da confiança que Vossa Excelência inspira especificamente às forças espirituais e progressistas deste hemisfério.

Numa época em que a "oportunidade mercantil" sobreleva, por vezes, os conceitos éticos que constituem o verdadeiro "substratum" de todas as civilizações dignas desse nome, perfilha e prega Vossa Excelência uma concepção humanista do fenómeno económico, mostrando a especial significação da importância de seu enquadramento nos problemas hodiernos, mas ao mesmo tempo advertindo sobre a necessidade de "adotar-se sempre como norma de conduta individual e social o ponto-de-vista de que tódia doutrina político-económica, para ser válida, deve apoiar-se na afirmativa de que a economia não é um fim em si mesma", e sim "um ponto de apoio das transformações culturais, sociais e políticas, que propiciarão ao ser humano alcançar as mais elevadas metas de sua atividade criadora".

Lembra ainda Vossa Excelência que o "centro de todas as nossas preocupações deve recair no homem em sua individualidade, isto é, como ser concreto, com aspirações espirituais e materiais", e isso porque, "se a economia, o Estado e outras criações históricas, são meios, e não fins, a pessoa — no terreno das relações humanas — é um fim em si mesma e não deve, pois, ser tratada como meio". Esse princípio é, realmente, a base da verdadeira democracia. A política de desenvolvimento de nossos países, pela qual todos lutamos e à qual todos estamos dando o melhor de nossos esforços, não pode, com efeito, ter outro objetivo senão o de promover o bem-estar das massas através da melhoria de suas condições de vida e de trabalho, do seu acesso à cultura e da igualdade de oportunidades para todos. Com o desenvolvimento económico, o que visamos não é o enriquecimento de uns poucos, mas o bem-estar da imensa maioria, o combate ao pauperismo, numa palavra -- a valorização do homem. Nesse ponto, as ideias de Vossa Excelência afinam-se

com as nossas, como se afina com a de Vossa Excelência a nossa determinação de lutar para vencer todas as resistências que a ela se opõem, convictos que estamos de que o nosso rumo é o certo e de que, orientando-nos com decisão nesse sentido, cumprimos simplesmente não só o nosso dever de patriotas como o de colaboradores dedicados e sinceros de obra construtiva de progresso material e espiritual da Humanidade.

Um dos mais eminentes homens públicos do nosso tempo, o inolvidável Cordell Hull, ao encarar o problema da paz, afirmou que acima dos governos, para o bom entendimento universal, valia sobretudo a atitude espontânea dos povos. É verdade, porém, que essa atitude não pode existir sem instituições que assegurem a liberdade do homem na manifestação do seu pensamento e da sua vontade.

Neste sentido podemos dizer que os nossos povos não têm problemas. Nem os nossos governos. Como o nobre povo argentino, não erigimos o ódio em sistema de vida, nem somos contra ninguém. Pelo contrário, batemo-nos pela paz, pelo entendimento fecundo entre os países na base da reciprocidade, da igualdade e do mútuo respeito, e, sobretudo, pelo estreitamento cada vez maior dos laços que unem as Repúblicas do nosso continente. Disse Vossa Excelência, num de seus livros densos de conteúdo, que o processo histórico da revolução nacional de 1810 — e o mesmo poderemos dizer da revolução da nossa Independência — "se estende a todo o processo histórico da revolução da América Latina" e que "o momento presente é propício para continuar a tarefa libertadora em escala americana, como aconteceu nas primeiras horas da vida de nossos povos". É uma observação exata, denunciadora de uma visão lúcida e perfeita da atual conjuntura latino-americana. Nenhum antagonismo ou choque de interesses, económicos ou políticos, separa os nossos povos.

Nossos problemas são comuns, comuns nossos objetivos, comuns os métodos de ação para alcançá-los. Nossa luta é a mesma: contra o atraso, contra a miséria, contra a ignorância, contra a exploração de sentido monopolista. Como a nobre nação argentina, não temos litígios de fronteiras, nem alimentamos aspirações a hegemonia; idênticos são os objetivos tanto da política interna como da política externa de ambos os países, pois o que ambos queremos é trabalhar e viver em paz e harmonia não apenas com os vizinhos, mas com o mundo inteiro. Tudo, enfim, nos une e nada nos separa, e nunca uma frase como essa de Saenz Pena exprimiu com tanta nitidez, concisão e realismo o pensamento dos nossos povos. Por isso, o que se viu foi os nossos povos se firmarem cada vez mais fortemente na convicção da necessidade imperativa dessa aliança natural, cimentada por um século de compreensão inteligente e desinteressada cooperação, e ainda agora revitalizada pelos princípios salutareos do programa com que Vossa Excelência ascende, por expressiva manifestação democrática da vontade popular, à mais alta magistratura de seu ilustre e nobre país. O momento presente, Senhor Presidente, é propício, com efeito, para a continuação da tarefa libertadora que completará a obra iniciada em 1810 pelos patriotas argentinos e em 1822 pelos patriotas brasileiros, no sentido, agora, de realizarmos, todos, nossa completa e efetiva emancipação económica.

O Estado democrático — e estou ainda sublinhando conceitos de Vossa Excelência -- tem um imenso papel a desempenhar como impulsor, orientador, ordenador e coordenador dessa obra gigantesca de transformação, que será o grande milagre do século, sem que, entretanto, se invertam suas finalidades e seu intervencionismo transgrida a órbita da administração das coisas e dos direitos patrimoniais, para coartar, limitar e

ferir os direitos do espírito, "centro da liberdade humana", conforme se lê na admirável "Profissão de Santa Fé", com que o partido a que pertence Vossa Excelência expôs sua plataforma de princípios. Por isso mesmo, o problema institucional cresce para nós de importância. Insensíveis por índole e formação às ditaduras, pessoais ou de classe, é no clima da democracia que desejamos progredir e prosperar, certos de que quanto mais aprimorarmos o regime democrático mais facilmente estaremos desobstruindo o caminho do desenvolvimento econômico.

Não quero, portanto, deixar passar sem uma referência, ligeira embora, o liberalismo político e o caráter democrático que conformam e situam em plano elevado o nacionalismo econômico preconizado por Vossa Excelência. Quer defendendo a liberdade de associação — e tenho presente a entrevista concedida, em junho de 57, a um periódico de Buenos Aires; quer defendendo a instituição da família, "garantia sobre todas as coisas da vida moral do país"; quer se opondo ao monopólio oficial do ensino; quer incluindo na sua plataforma de candidato a anistia ampla aos condenados por delito de opinião; quer reivindicando para o problema moral o lugar de relevo que lhe cabe no quadro dos princípios de governo, ao declarar magistralmente que "a nau só poderá marchar tranquila e segura sobre a sólida base da vida moral integral, privada e pública" - demonstrou Vossa Excelência, Senhor Presidente eleito da República Argentina, exemplar fidelidade ao ideário democrático que é a bússola também por que se guiam nossas aspirações a uma vida material de maior conforto, independência, estabilidade e segurança, a bem da própria dignidade da pessoa humana.

Cria Vossa Excelência, Senhor Presidente Arturo Frondizi, que os deputados brasileiros aqui presentes

saúdam, com entusiasmo, não só o escolhido de um povo irmão, como, também, o glorioso defensor dos ideais humanos de liberdade, de paz e de prosperidade, sob a égide das instituições democráticas.

2. AGRADECIMENTO DO PRESIDENTE ARTURO FRONDIZI

Agradeço profundamente a recepção que me é oferecida por esta honrada Casa, que simboliza, em toda sua plenitude, a vigência da democracia na grande república irmã do Brasil.

Trago ao seu seio a saudação do povo e da Nação Argentina, que se prepara para iniciar uma nova etapa de sua vida constitucional. Com grande satisfação posso declarar que, pela vontade soberana do povo de minha pátria, essa nova etapa se colocará sob o signo dos ideais que constituem o patrimônio espiritual do Novo Mundo americano.

Como o povo do Brasil, o povo argentino aspira a ver realizado, em seu solo, o ideal da liberdade, da democracia e do progresso. Porque, como todos os povos da América, os argentinos proclamam que o homem é um ente sagrado, como sagrados são seus direitos e as instituições que os resguardam. Esta afirmação pressupõe, em primeiro lugar, a inviolabilidade do círculo da vida privada, começando pela vida do espírito e culminando com a vida do lar. Sagrados são o pensamento do homem e sua expressão, porque deles nasce e deles se nutre a liberdade do homem. Sagrados são, por conseguinte, os direitos que consagram essa liberdade: o direito de opinar, o direito de reunir-se, o direito de atuar na política e, sobretudo, o direito à oposição e à crítica. Assim como a seiva torna vivente a matéria inerte, o espírito torna criadora a coisa vivente. A capacidade criadora do homem se amplia cada vez mais. Sem dúvida, grandes barreiras,

muitas delas criadas pelos próprios homens, impedem que ela realize maravilhas.

Por isso temos afirmado que para nós, como argentinos e como americanos, a condição sagrada do homem alcança também a sua primeira criação social: sua família e a intimidade de seu lar. O homem precisa sentir-se protegido na instituição da família, mas precisa também sentir-se seguro no próprio lar. Na América, se queremos que o Mundo Novo cumpra seu destino de continente da esperança humana, devem desaparecer para sempre as ameaças de perseguições por causas políticas e associativas. Recordemo-nos de que a América foi para nossos maiores a terra escolhida por sua ânsia de viver uma vida sem temor nem privações. Cada americano perseguido por causa de suas ideias é uma negação do ideal daqueles fundadores e um atentado à razão de ser da América na História e no mundo.

Libertar o homem da necessidade significa criar uma economia posta a serviço do homem. Não basta assegurar uma remuneração suficiente. É indispensável que exista um nível de vida elevado e em constante ascensão, para todos os setores da população. Isso implica, necessariamente, uma economia sólida, estável e em contínuo crescimento. Devemos, pois, realizar um grande esforço para aumentar o conjunto das riquezas de nossas nações, a fim de que cada um dos seus habitantes tenha, cada vez mais, bens e serviços para o seu desenvolvimento espiritual e material. Alcançar essa meta constitui, precisamente, o objetivo primordial que escolheram os povos americanos nesta hora histórica. Temos absoluta confiança de que isso será logrado. Nossa esperança se funda nos grandes recursos com que contam os nossos países e na capacidade de seus povos, que estão dando, cada dia mais,

trabalhadores eficazes, mais técnicos capazes e mais homens de empresa, com visão do futuro.

A solução consiste, a nosso entender, em conseguir uma exploração integral de todos os recursos disponíveis e no desenvolvimento, ao máximo, das possibilidades da ciência e da técnica moderna, como o fizeram outros países do mundo que, menos dotados pela natureza que os nossos, alcançaram os mais altos níveis de vida social. A criação de uma poderosa economia nacional em cada um dos nossos países, baseada na integração de um campo florescente, uma exploração intensiva de minérios e uma indústria pujante, pode ser facilitada e acelerada mediante uma inteligente e ampla cooperação entre as nações. Devemos, por isso, dispor-nos a uma ação conjunta que liberte nossos povos de todo o resto de atraso, de ignorância e de medo do futuro.

Declaro solenemente, nesta oportunidade em que me homenageiam os representantes do povo brasileiro, que a República Argentina empregará todo seu esforço para conseguir que essa ação comum seja efetiva e se transforme em fatos.

Senhor Presidente: Agradeço novamente suas generosas palavras de boas-vindas e formulo os mais ardentes votos para que este espírito de fraternidade e mútuo entendimento prevaleça para sempre nas relações entre o povo dos Estados Unidos do Brasil e o povo da Nação Argentina.

VI - NA UNIVERSIDADE DO BRASIL

EM 9 DE ABRIL DE 1958

(Reportagem da Agência Nacional)

A Universidade do Brasil recebeu, hoje, o presidente eleito da República da Argentina para conferir-lhe o título de doutor "honoris causa", numa solenidade presidida pelo Presidente Juscelino Kubitschek e à qual compareceu todo o corpo docente das faculdades que integram a instituição, bem como representantes dos diretórios acadêmicos.

O Presidente Juscelino Kubitschek, acompanhado de ministros de Estado e dos Chefes dos Gabinetes Militar e Civil, aguardou o ilustre visitante no salão nobre da Reitoria. O Senhor Arturo Frondizi foi recebido à porta da instituição pelos professores Pedro Calmon e Deolindo Couto e, após os cumprimentos, conduzido ao anfiteatro da Universidade, onde se realizou a cerimônia.

Constituíram a mesa, além do Presidente Juscelino Kubitschek e do Reitor Pedro Calmon, o Ministro da Educação, professor Clóvis Salgado, o Vice-Reitor, professor Deolindo Couto, o Marechal Eurico Dutra, os Embaixadores Felipe Espil e João Carlos Muniz, o Sr. Oswaldo Aranha, a senhorita Elena Frondizi e o acadêmico Elmano Cardim.

O conjunto coral da Escola Nacional de Música entoou os hinos nacionais da Argentina e do Brasil.

Doutor "honoris causa"

Declarando aberta a sessão, em nome do Presidente da República, o Reitor Pedro Calmon anunciou que o Conselho Universitário da Universidade do Brasil, por decisão unânime, resolvera distinguir o Senhor Arturo Frondizi com o título de doutor "honoris causa" da instituição, incumbindo, nessa ocasião, o diretor da Faculdade de Direito, professor Lineu de Albuquerque e Melo de trazer o homenageado até à mesa, sendo então entregue o pergaminho de honra ao presidente eleito da República Argentina, que, a seguir, foi sentar-se à mesa, junto ao Presidente Juscelino Kubitschek.

Saudação ao Sr. Frondizi

Saudando o presidente eleito da República Argentina, discorreu o professor Lineu de Albuquerque e Melo sobre os estudos dos problemas argentinos empreendidos pelo Senhor Arturo Frondizi, numa pregação política impregnada da verdadeira democracia. O mundo láfino-americano, acentuou o orador, tem forças incalculáveis de aproximação que constituem, ao mesmo tempo, fator de cooperação com os demais povos. A América Latina é e continuará a ser uma grande unidade política, econômica e humana. E depois de aludir à interpretação da realidade política e econômica da vida latino-americana, lembrou as conclusões do estadista argentino para quem o centro das nossas preocupações deve recair no homem, tornando-se, pois necessária uma grande obra no sentido da valorização humana. Dessa maneira, o encontro do econômico com o político não deverá conduzir ao sacrifício do homem, não se podendo, conseqüentemente, impor regimes de tirania e de opressão. A uma instituição como a Universidade do Brasil cabe defender e proclamar valores permanentes. Era por êsse motivo que distinguia,

naquele instante, o Senhor Arturo Frondizi, que se associava, diante da juventude do Brasil e da Argentina, à alta missão da amizade entre os dois países, que conta, entre outros, com as figuras de Mitre e de Saenz Pena.

Fala o presidente eleito

Declarou o Senhor Arturo Frondizi ao iniciar sua oração que a homenagem de que era alvo representava uma grande responsabilidade, pois era um testemunho de afeto, mas que prometia colocar as relações culturais da Argentina com o Brasil num altíssimo plano cultural, científico e técnico. Acrescentou que a cerimônia evocava outra — a de sua formatura em Direito. Ao lançar-se à vida de advogado, recordou, viu que o mundo real encerrava um contraste com o mundo ideal que conhecera nos livros. O conceito de liberdade distanciava-se de sua essência, dando margem a injustiças e incompreensões. Em face do atraso econômico e social e da necessidade de se alcançar um nível de maior cultura foi que enveredou definitivamente pelo caminho da política. Prosseguindo, realçou a disposição de promover, em seu país, as condições indispensáveis ao seu desenvolvimento econômico e principalmente ao respeito da dignidade humana. No trabalho de edificar o progresso espiritual e material de um povo, disse, a Universidade tem um grande dever a cumprir, tornando-se um centro de investigação científica e uma expressão do estado social do povo. Assim, terá oportunidade de desenvolver as aptidões de milhões de jovens, abrindo-lhes novos horizontes para uma existência plenamente realizada e feliz. Afirmou que a Universidade não pode ignorar a vida social, ponderando que a exaltação popular não nega as altas expressões da ciência e da cultura, pois através delas é que o povo se reconhece e se situa na história.

Ao terminar, o Senhor Arturo Frondizi declarou que se comprometia a ser um digno representante da Universidade do Brasil, tal como se houvesse cursado as aulas com os estudantes de suas faculdades. Agradeceu, finalmente, a honra com que fôra distinguido ao ser-lhe conferido o título de Doutor "honoris causa" pela Universidade do Brasil.

Homenagem dos universitários

Após o discurso do Presidente eleito da República Argentina, o presidente do Diretório Central dos Estudantes, Sr. Mário Pinheiro, ofereceu, com um abraço dos universitários brasileiros aos seus colegas argentinos, uma capa universitária ao Senhor Arturo Frondizi. O presente foi, a seguir, entregue à senhorita Elena Frondizi. Encerrando a cerimônia, o Reitor Pedro Calmon enalteceu a significação do ato que acabava de realizar-se, dizendo estar certo de que o Senhor Arturo Frondizi será o advogado da amizade do Brasil junto à alma generosa da grande Nação Irmã.

VII — AO DEIXAR A TERRA BRASILEIRA

Ao deixar a terra brasileira, o Presidente Arturo Frondizi dirigiu ao Presidente Juscelino Kubitschek a seguinte mensagem:

Deixo a terra do Brasil com o coração repleto de emoções as mais variadas, vividas durante minha curta, porém intensa estada em seu grande e belo país.

Agradeço profundamente a Vossa Excelência, em meu nome e no de minha comitiva, as inúmeras e delicadas atenções recebidas, que obrigam o nosso reconhecimento do afeto e da confraternidade que o povo argentino professa pelo povo do Brasil. Envio-lhe um sincero e cordial abraço.

ARTURO FRONDIZI.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Rio de Janeiro — Brasil — 1959